



Fausto Fernandes

Página do Colégio da Especialidade de ORL da Ordem dos Médicos

Colégio da especialidade e seu papel na dinamização do internato

BOAS PRATICAS E *LEGIS ARTIS*

Será que nos tempos que correm, condicionados por muito factores, vale a pena ser ético, ter boas práticas, lutar pelos doentes, pela medicina, e pela Otorrinolaringologia?

Correndo o risco de ser considerado idealista ou *naif*, não tenho dúvidas que sim, que vale a pena, esse é o caminho.

A tecnologia por si só, não nos leva a nada, ou melhor leva-nos ao precipício, ao fim da nossa actividade enquanto médicos e otorrinolaringologistas.

As condicionantes da sociedade da comunicação social, dos políticos, dos maus gestores, que controlam o sector da saúde, trabalho sem equipamentos adequados, e sem os recursos humanos necessários, tudo isso são factores que limitam a nossa actividade. Acresce ainda a ausência de carreiras, da valorização do mérito ou competência.

Se a tudo isto juntarmos programas informáticos desadequados e desajustados, *“time consuming”*, burocracias mais ou menos ilógicas e redundantes, feitos por quem não faz a mínima ideia da prática médica, está assim criada a tempestade perfeita, para conduzir ao mau desempenho e para a prática de algo que será de “profissional de saúde”, cumpridor de normas de normas de orientação, mas não de médico.

E perante isto que fazer?

Seguir os ensinamentos dos mais experientes, dos que nos orientaram na formação técnica, baseados em princípios de ética e de honorabilidade. Se a esta atitude associarmos, a formação dos colegas e os meios

tecnológicos fantásticos que temos à nossa disposição, certamente teremos sucesso.

Não devemos transigir em relação aos conceitos correctos da *legis artis* e das boas práticas, fazendo cedências aos gestores de sistemas públicos ou outros, nomeadamente dos subsistemas e seguros que nos impõem condições, por vezes inaceitáveis.

Os nossos aliados serão os doentes tratados com competência, carinho e compaixão. “Quem só sabe de medicina, nem medicina sabe” (Abel Salazar).

Em conclusão é possível ser ético, actuar com toda a competência, tratar os doentes com humanidade e compaixão, mantendo tecnologia e tudo o muito que aprendemos. Esse é o caminho do futuro. O contrário pode ter sucesso no imediato, mas não tem qualquer futuro.

Fica-nos o conforto de ter a profissão mais bonita do mundo, com a especialidade mais atraente - ser Otorrinolaringologista, que cuidamos como diria Miguel Torga “do ouvido e da voz dos humanos” com competência, ética e compaixão pelo doente.

Esse é o caminho duro, mas que levará de novo ao reconhecimento e respeito pelos doentes e pela sociedade.

Fausto Fernandes